

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LUÍS DE MAGALHÃES - D. SEBASTIÃO.

SAMPAIO, Alberto

Ano: 1898 | Número: 15

Como citar este documento:

SAMPAIO, Alberto, Luís de Magalhães - D. Sebastião. *Revista de Guimarães*, 15 (2) Abr.-Jun. 1898, p. 43-47.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

LUIZ DE MAGALHÃES — D. SEBASTIÃO

Côimbra : França Amado, editor, 1898

N'esta lenda tão bella e tão poetica do moço rei-cavalleiro, cahido tragicamente n'um areal africano com a flôr da mocidade do seu reino, affirma-se bem o poder creador da imaginação popular. É certo, que é a unica da nossa historia; os outros dias de calamidade ou de festa, e as outras peripecias lancinantes, esqueceu-os a memoria do povo, assim como tambem esqueceu as glorias maritimas, das quaes inutilmente, já uma vez me referi a esta estranha singularidade, se procuram trovas e cantares no romanceiro: mas se todas as grandezas se lhe varreram da lembrança, não aconteceu o mesmo com o dia, em que ellas baquearam; tão funda foi a impressão da catastrophe, que d'ella nasceu um sonho, a lenda que de seculo em seculo quasi chegou á actualidade.

Alcacer Kibir não é como o naufragio do navio em que vai embarcado um punhado de homens; n'esse navio sinistro embarcára-se o que havia de mais nobre, de mais forte e de mais esperançoso; era a mocidade, seguindo intrepidamente o seu rei mancebo, allucinado por um plano phantastico, mas nem por isso mesmo menos captivante, como tudo o que é extreme de interesses rasteiros; n'essa batalha decisiva joga-

va-se a sorte da patria; perdida, das lagrimas choradas pela nação inteira havia de nascer uma flôr piedosa, que servisse de corôa funeraria aos seus filhos, derrubados na terra ini-miça.

Quem pôde dizer quantos elementos entraram na forma-ção da lenda? Talvez rebentasse espontanea no mesmo dia da batalha; no meio do immenso desalento, era possivel que res-tasse sempre uma longinqua esperanza aos pobres expedicio-narios, que a morte poupára para os lançar aos odios e vingân-ças, que contra elles se erriçavam de todos os cantos. Nin-guem reconheceu o cadaver do rei; — «o rei não morreu», disseram n'esse dia: — «não morreu, nem morrerá», repe-tiu depois a voz geral, porque não morre, por mais cala-mitosos que sejam os tempos, o sentimento do bem e do bello, a saudade d'um passado de coisas grandes e nobres, embora jâmais possa voltar.

Este longo scismar d'um povo que sente a sua decadencia e espera a salvação só do sobrenatural — esta lenda de dôr é que vai servir de thema ás admiraveis estrophes do *D. Sebas-tião*. Não é um poema de risos e de amores; não canta a man-hã côr de rosa que abre as portas a um dia de bemaventu-ranças: é antes uma afflictiva elegia — «Elegia da Patria», como o proprio poeta lhe chama no singelo e eloquente offe-recimento á memoria de seu illustre pae, e na qual elle chora as lagrimas amargas do mais ardente patriotismo.

Muito antes do nascimento do heroe, já havia presentimen-tos d'um futuro caliginoso: o avô, D. João III, quebrára em Flandres, e para colonisar o Brazil abandonava as praças da Mauritania. O imperio abalava-se; por toda a parte ouviam-se os sons confusos que precedem as grandes tempestades. O go-verno cahira nas mãos debeis d'uma regencia. Quem salva-ria Portugal d'um desbarato geral e da ambição de Castella? A tal extremo chegára o quebrantamento das forças nacionaes, que só restava uma esperanza unica — o nascimento d'um principe, capaz de governar e calar as ambições. Pelo reino viam-se prodigios e agoiros funestos: e na mesma noite em que nasceu o herdeiro do throno, a população da capital des-vairada corria pelas ruas em rezas e procissões.

É com estes terrores indeterminados, sobresaltantes, que o poema se abre magistralmente; — portico monumental, por onde o leitor entra, cheio de assombro, para assistir á *Vigilia de armas*, intenso lyrismo da ardente fé mystica do cavalleiro, e depois á pathetica e tragica descripção da batalha fatal — des-

cripção que ha de ficar na litteratura portugueza como um modêlo de alta eloquencia poetica.

Termina aqui a historia, e immediatamente começa o mundo da phantasia.

O rei sobrevive, e fica encantado, até que ha de voltar um dia, n'uma manhã de nevoeiro. Mas quem é o *Encoberto*? é o heroe vencido que tem de fazer penitencia, enquanto os destinos o não deixam vir? ou o pensamento popular tomando o *Capitão de Christo* por symbolo, via encantada a velha alma portugueza, sem poder desforçar-se do estrangeiro dominante, ou dos incapazes, os verdadeiros e incontritos peccadores desde então, ao leme da pobre nau avariada, quando esta mais que nunca pedia braços firmes e exercidos, para dirigi-la?

O poeta não hesitou, nem tinha que hesitar. O symbolismo era bem transparente: quebrado o encanto, patenteava-se à vista, illuminado a jorros de luz, o triste quadro da vida mesquinha, que arrastava a pobre nação, a quem faltavam os fortes combatentes, e habéis pilotos dos tempos passados; e se porventura apparecia um d'esses, a insanias tirava-o do seu posto.

Na lenda o heroe não visita Portugal, nem precisa; no poema pelo contrario a sua vinda constitue o episodio que mais caracteriza a alta concepção do auctor: é a *Penitencia* com os seus dez cantos do mais fervoroso patriotismo. O peregrino volta sim, mas só depois da *Transfiguração*, onde o estro sobe n'um vôo sublimado à poesia transcendental.

O regresso foi a mais dura provação que lhe podia ser imposta; pois vê então — o opprobrio e a baixeza em cima, o desfallecimento em baixo; as forças da nação desfeitas, a sua intima cohesão desconjuntada; por toda a parte a ruina; e o sentimento de altivez desaparecido. Era este o Portugal das navegações e conquistas? Onde estava aquelle poder que o fazia respeitado e temido? Eis porque, juntando-se a tristeza e a saudade à ironia acerba, a elegia se transforma em Nemesis vingadora.

Terminada a provação, o heroe embarca na galé da Apotheose para a *Ilha Encoberta*: ahí, n'este Elysio, permanecerá até soar a hora da redempção, até que o velho espirito portuguez resurja do seu captivo de miserias. Estão ahí as grandes glorias da nação, e cada uma d'ellas diz em versos esculpturaes os feitos que depoz aos pés da sua amada ideal. É a terceira parte, o epilogo do poema, d'onde na derradeira falla do rei,

em resposta á supplica de Camões para lhes contar o que fôra feito dos trabalhos de todos, se escapa o ultimo gemido da patria por entre uma esperança redemptora. Quantos tristes e desalentados com a escuridão do presente, se não voltam hoje, como outros se voltaram hontem, para essa ilha magica, a ilha encoberta da Historia?

A execução da segunda parte, tal como a concebera o auctor, tinha o grande perigo de cabir no exaggero, na declamação vaga e emphatica. D'este escolho facilmente o salvou o seu rico filão poetico, e o seu inexcedivel tacto artistico. O quadro da decomposição nacional que se desenrola aos olhos do *Penitente* é medonho, mas simples: e é esta simplicidade que lhe dá a maior força de impressão; o incesto real, o castello demantelado, a espada abandonada, o cavallo de guerra deitado á margem, a nau varada na praia, a orgia das monjas, a opera ao divino, e a ultima armada — são outros tantos emblemas da decomposição moral e da sociedade; n'elles estão representados caracteristicamente o desconjuntamento do exercito e da marinha, a relaxação dos costumes, a velha fé ingenua tornada em representações theatraes, e se não bastasse este esphacelamento social — o terramoto, a convulsão das forças da natureza vinha ajudar á destruição, rematada pela fugida da familia real, que deixava a pobre nação entregue ao estrangeiro, e a breve tempo ia transformar, exemplo unico na historia, a metropole em colonia. Este quadro é deliueado e executado com a firmeza de traços dos grandes mestres: e para ficar em todo o relevo, antecede-o a mais encantadora bucolica, respirando o ar fresco, a doçura e a paz da vida rural, descripção deliciosamente meiga, terminada pelo romance da lenda sebastianista, que um pobre sapateiro, o homem do povo, recita aos *Crentes* do villagem — romance que o auctor pôde considerar da sua propria lavra, pois d'ella resultou a unidade e o tom da composição.

O desfazer do que havia de mais forte e mais nobre na vida portugueza provoca a cada passo os gemidos e o desespero do patriota: mas como este é ao mesmo tempo um poeta eximio, a sua dôr precisa de se exprimir em rythmos e cadencias: d'essa alta faculdade artistica nasceu a belleza incomparavel da fôrma: só por muito rara excepção se encontrará um ou outro verso, que nos não deixe no ouvido toda a harmonia que a lingua podia dar: e á medida que os incidentes se vão succedendo, a metrificaçãõ muda tambem, adequando-se admiravelmente a cada um, de modo a dar ao pensamento

toda a expressão poetica, a suprema expressão da linguagem fallada. Se uma ou outra vez o colorido parecer intensamente carregado, essa intensidade provém da rica natureza do auctor, do seu temperamento multiplo e variado, em que a abundancia trasborda por todos os lados — abundancia cheia de promessas e de esperanças. Na época mais fecunda da vida, quando o espirito está formado, quantas bellas obras, como a presente, não imaginarão as suas faculdades creadoras !

De todas as maneiras, como podia ser concebido o assumpto, a que mais se ajustava ao modo de ser d'elle, foi a preferida com grande perspicacia artistica, pois viu no Sebastianismo o que sempre fôra, um sonho que durou quasi tres seculos. Os crentes adoravam, talvez inconscientemente, a alma do passado, a vida antiga, mystica, simples e forte. Durante um extenso periodo, preocupado só com as emprezas maritimas, e fôra da corrente das ideias pela sua situação no extremo occidente da Europa, Portugal isolou-se do movimento intellectual da renascença; d'ella mal chegou cá um tenue bruxulear. O que continuava a ser a espiritualidade do povo era ainda o velho ideal de outros tempos, encarnado no heroe que melhor o representava: por isso a nação não comprehendia o movimento que determinou a vida moderna; d'ahi a decomposição e a decadencia: d'ahi nas almas sensiveis as saudades do passado e a aspiração para um futuro vago, indeciso e chimerico — a manhã de nevoa das prophcias.

Esta triste e grandiosa elegia, longo tempo a meditou a musa inspirada do poeta: mas emfim, um dia o livro escapoulhe das mãos, como se elle soltasse uma ave, que vai agora voando pelo mundo além e cantando o que tinha no coração.

Maio : 1898.

ALBERTO SAMPAIO.